

UMA LEITURA SEMIÓTICA DA /ROTINA/ E DA /RUPTURA/ NO CONTO ‘E DE REPENTE AS FLORES MURCHARAM’, DE JOÃO MELO

Érica Antunes Pereira¹

RESUMO: A proposta deste trabalho é apresentar caminhos para a constituição de uma metodologia de leitura do texto literário por meio de um exemplo de análise estrutural baseada no conto “E de repente as flores murcharam”, de João Melo. Algumas das principais estratégias de análise da teoria semiótica de Greimas serão utilizadas, como a ênfase à etapa preliminar e fundamental de montagem dos campos lexicais. Desta forma, a /rotina/ e a /ruptura/ serão privilegiadas porque constituem a base para a eficaz compreensão do conto.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica literária; análise estrutural; conto; João Melo.

ABSTRACT: The purpose of this work is to present ways for constituting a reading methodology of the literary text, through an example of a structural analysis based on João Melo’s tale “E de repente as flores murcharam”. Some of the main strategies of analysis of Greimas’ Semiotic Theory will be used, as the procedure of building up the lexical fields, emphasized as a preliminary and fundamental stage. In such case, the /routine/ and the /rupture/ will be privileged because they constitute the base to the efficient tale’s understanding.

KEYWORDS: literary semiotics; structural analysis; tale; João Melo.

INTRODUÇÃO

Já é lugar comum a discussão acerca da dificuldade de compreensão de textos literários por parte de grande número de pessoas. Numa tentativa de abrandar tal problemática, procuraremos, com base em alguns princípios da semiótica greimasiana, fazer uma breve incursão pelo conto intitulado *E de repente as flores murcharam*, de autoria do angolano João Melo. Nossa pretensão – é bom que reste bem claro – não é outra que não a de tecer apenas algumas considerações acerca do texto, analisando-o a partir de si próprio, sem contornos outros que fujam ao seu caráter de imanência.

A /ROTINA/ E A /RUPTURA/ NO CONTO DE JOÃO MELO

É assim que, desde o primeiro parágrafo, o leitor se depara com a dicotomia /rotina/ x /ruptura/, o que é bem demonstrado pela conjunção adverbial temporal ‘enquanto’ seguida de dois adjuntos adverbiais de modo, ‘calmamente’, para se referir à partida do marido, e ‘inadvertidamente’, tocante à surpresa de Júlia ao ver suas rosas murchar. Essa mudança de estado do sujeito pode ser assim representada:

$$S_1(\text{Júlia}) \cup O_1(\text{rosas}).$$

A idéia da disjunção é reforçada, nesse primeiro parágrafo, pelos sememas da /ruptura/, como ‘de repente’, ‘agora’, ‘precipitou-se’, ‘sismo’, ‘rebentar-lhe’ e ‘subitamente’. Já os sememas da /rotina/, como ‘calmamente’, ‘repetia’ e ‘monólogo’, quando vistos ao lado da *angústia no peito* de Júlia, que a fazia pensar *que um terrível sismo interior estava prestes a rebentar-lhe por dentro*, dão ensejo à afirmativa de que $S_1(\text{Júlia}) \cap O_2(\text{casamento})$ ‘enquanto’ durarem as rosas.

Outros traços que se juntam à /rotina/ são a

‘roupa discreta’ e ‘as formas monótonas’ da empregada, Domingas, que, *talvez por isso mesmo, era de uma eficiência verdadeiramente automatizada*. E é ela quem rega as rosas vermelhas de Júlia, sem, no entanto, convicção de que isso as faria reviver: — *Não sei se elas hão-de voltar a levantar... Talvez seja melhor comprar outras, na segunda-feira...* Como podemos ver, as flores, nem por um instante, possuem a mesma significação para Domingas e Júlia. A empregada as vê como um mero capricho ornamental, enquanto Júlia projeta nas rosas uma espécie de perspectiva que remonta aos tempos do colégio religioso: *A predileção particular pelas rosas, adquirira-a no colégio religioso onde consumira a adolescência*. Desde essa época, cultivava as rosas como se nelas estivesse simbolizada a própria vida, e *não se relaxava um único dia: com um desvelo considerado muitas vezes patológico pelo marido, regava-os, podava-os cuidadosamente, amava-os como só é possível uma viúva amargurada amar um siamês*. Observemos que Júlia não cultivava quaisquer plantas, eram as rosas que lhe consumiam o gosto integral; as suas rosas, porém, e não outras. Tanto é assim que, diante da proposta de Domingas de substituí-las por outras, não hesitou em revidar: — *Não te preocupes!*

O marido, por sua vez, aproveitou-se da paixão de Júlia pelas rosas para conquistá-la: *a tinha surpreendido, um dia qualquer, oferecendo-lhe um ramo cuidadosamente revestido em celofane e com uma dedicatória de cujo texto já não se recordava, o que, finalmente, abriu uma brecha no casulo que ela tecera inconscientemente no colégio, do qual tinha saído há três meses*. Há, aqui, sem dúvida, uma manipulação por sedução bem-sucedida, que Diana Luz Pessoa de Barros (2002, p. 33) define como *o sistema de valores compartilhado pelo manipulador e pelo manipulado, quando houver uma certa cumplicidade entre eles*. Desta feita, podemos representar tal programa narrativo da seguinte

¹ Professora da Universidade Paranaense (UNIPAR – Campus de Cianorte). Advogada formada pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), professora de línguas portuguesa e inglesa e respectivas literaturas licenciada pela Universidade Paranaense (UNIPAR – Campus de Cianorte), co-editora da Revista Nave da Palavra (<http://www.navedapalavra.com.br>), pós-graduada na Escola da Magistratura do Paraná (Coordenadoria de Maringá), especialista em Direito Civil e Processual Civil pela Universidade Paranaense (UNIPAR – Campus de Umuarama) e em Literatura Brasileira pela UNESPAR/FECILCAM e mestranda em Letras (Estudos Literários – Diálogos Culturais) pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Endereço para correspondência: Rua Constituição, 310 – apto 602 – Centro – 87200-000 – Cianorte – PR. E-mail: ericantunes@irapida.com.br.

forma: $S_{2(\text{marido})} \cap S_{1(\text{Júlia})} \cap O_{2(\text{casamento})}$. Aqui, as rosas adquirem a característica de objeto modal, que, segundo José Luiz Fiorin (2002, p. 29), é *aquele necessário para se obter outro objeto*, o objeto-valor, *aquele cuja obtenção é o fim último de um sujeito*, que, no caso, é o casamento.

Os sememas da /ruptura/ e da /rotina/ aparecem entrelaçados várias vezes na descrição da conquista de Júlia: ‘surpreendido’, ‘fascínio e pavor’, ‘sempre’, ‘infinito’ e ‘morreu e renasceu’, recursos que bem demonstram a dificuldade do rompimento para com os costumes. É por isso que Júlia *à noite tinha sonhos monstruosos, nos quais acabava sempre por sucumbir sob uma serpente multicolor e com braços amorosos que se desdobravam até ao infinito*. A serpente, cuja simbologia é reiteradamente associada à sexualidade e à imortalidade. Vale, neste momento, citar Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 823), que escrevem: *A serpente rasteja em meio a flores envenenadas em toda essa paisagem maldita, pela qual, no entanto, se mantém a regeneração do imaginário. É, nas divagações íntimas, a áspide, enroscada no seio de Cleópatra, ou no arbusto de rosas, essas feridas místicas da natureza*. Trata-se de uma *serpente multicolor*, de cores diversas, o que sugere, novamente, /ruptura/, ainda que aquela tivesse *braços amorosos que se desdobravam até ao infinito*, fator atrelado à /rotina/. Júlia, em sonhos, sucumbia sempre, ou seja, cedia aos encantos da serpente e, ao fazê-lo, via rompida a sua vida habitual, o que nos permite afirmar que o marido, ao oferecer-lhe flores, provocou uma transformação no estado da mulher, que projetara a /rotina/ nas rosas: $S_{2(\text{marido})} \rightarrow S_{1(\text{Júlia})} \cup O_{1(\text{rosas})}$. Os braços da serpente, todavia, *se desdobravam até ao infinito*, volvendo da /ruptura/ para a /rotina/. É por tal razão que, ao receber o ramo de rosas, o ventre de Júlia *morreu e renasceu sete vezes, atingiu o cume das montanhas azuis, tocou o sol, embriagou-se de leite e mel até perder a consciência*. A morte, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 621), é *revelação e introdução. Todas as iniciações atravessam uma fase de morte, antes de abrir o acesso a uma vida nova*. Júlia, portanto, precisava romper com a tradição, para, em seguida, introjetar-se, cedendo aos encantos do casamento: $S_{1(\text{Júlia})} \cap O_{2(\text{casamento})}$.

Como seria de se esperar, a /ruptura/ de Júlia não é permanente, de modo que *quando se mudaram para aquela vivenda*, tratou logo de comprar uns pés de rosa, tornando, pois, à /rotina/. De outra feita, *a princípio, o marido troçava carinhosamente dela, mas depressa se cansara. “Para cada um a sua mania”, pensava*. Se, num primeiro momento, foi Júlia quem precisou ceder à /ruptura/ casando-se, agora é o marido quem se submete à /rotina/ e, assim, ambos alcançam as medidas da estabilidade no relacionamento, ou seja, $S_{1(\text{Júlia})} + S_{2(\text{marido})} \cap O_{2(\text{casamento})}$.

As rosas murchas, entretanto, e causam em Júlia um terrível desconforto, *uma estranha angústia no peito, pensando que um terrível sismo interior estava prestes a rebentar-lhe por dentro*. É a premonição certa de que algo ainda incerto estava preste a, novamente, conduzi-la do estado de /rotina/ para o de /ruptura/: *De repente, descobriu que estava febril. A temperatura subira meteoricamente*. Segue, então, no desfecho, a revelação premonitória do fato incerto que a perturbava: *Quando os amigos do marido chegaram e disseram que ele – o marido – tinha morrido num acidente à entrada de Catete, Júlia já o sabia*. Assim, o mesmo sujeito

que levou Júlia ao casamento, leva-a, agora, à dissolução, à /ruptura/ do mesmo: $S_{2(\text{marido})} \rightarrow S_{1(\text{Júlia})} \cup O_{2(\text{casamento})}$, num ciclo que rememora o mito do eterno retorno, em que, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2002, p. 779), há a indicação de *um retorno ao centro, à origem, ao Éden, uma reintegração da manifestação no seu princípio*. Assim, por extensão, cremos que a dicotomia /rotina/ e /ruptura/ alcança os moldes da /vida/ e da /morte/ como uma sucessão cíclica que não possui propriamente um ‘começo’ e um ‘fim’, mas que, retomando a imagem da serpente com seus braços estendidos ao infinito sonhada por Júlia, pode ser vista como um ‘rito de passagem’.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, D. L. P. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- CHEVALIER, J.; GHEERBRANT, A. et al. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 17. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2002.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MELO, J. E de repente as flores murcharam. In: **Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1999, p. 33-36.

ANEXO

E de repente as flores murcharam

Enquanto acenava ao marido, que partia calmamente no automóvel brilhante, Júlia olhou inadvertidamente para o jardim e, não sem horror, reparou que as suas rosas de estimação tinham murchado de repente e pendiam agora completamente inertes dos caules esverdeados. Precipitou-se para elas com uma estranha angústia no peito, pensando que um terrível sismo interior estava prestes a rebentar-lhe por dentro. Quando, após ter inspecionado as flores por baixo, por cima e de lado, decidiu entrar em casa, repetia de si para si, num monólogo demente, que não era possível as suas belas rosas vermelhas terem murchado subitamente e sem qualquer causa lógica ou visível.

O marido tinha voltado à casa para se despedir da filha de quatro anitos. Como fazia sempre todos os sábados, desde que se tinham casado, estava de saída para o Dondo, de onde só regressaria ao princípio da noite. Júlia não tentou descortinar qualquer signo irracional naquele extremo zelo paternal, que o fizera regressar depois de já ter alcançado a saída da cidade, a fim de, com uma ternura melancólica, dar um beijo à pequenita e prometer-lhe chicletes.

— Domingas! – gritou ela para a empregada.

Domingas apareceu na sala, vinda não se sabe bem donde. Tinha um olhar cinzento e quase imperceptível, a condizer com a roupa discreta que lhe cobria as formas monótonas, mas, talvez por isso mesmo, era de uma eficiência verdadeiramente automatizada. Trazia nas mãos uma vassoura. A atenção fria com que aguardava as ordens da patroa parecia desinteressada.

Vai pôr água naquelas flores ali na frente! – indicou Júlia. – Não sei como é que elas murcharam...

Durante toda a manhã, foi incapaz de se esquecer das flores. A predileção particular pelas rosas, adquirira-a

no colégio religioso onde consumira a adolescência. Tinha comprado uns pés numa casa da especialidade, quando se mudaram para aquela vivenda, e não se relaxava um único dia: com um desvelo considerado muitas vezes patológico pelo marido, regava-os, podava-os cuidadosamente, amava-os como só é possível uma viúva amargurada amar um siamês.

A princípio, o marido troçava carinhosamente dela, mas depressa se cansara. “Para cada um a sua mania”, pensava. Não tinha ele um irmão, o mais novo, autenticamente doido por peixinhos? O quarto dele estava atafalhado de cristais, atrás dos quais vogavam tranquilamente centenas de minúsculos peixes de todas as cores, cujos nomes e hábitos ele recitava de cor, extasiado. De vez em quando, o pai, cuja concepção de utilização do espaço era, evidentemente, distinta da do filho, e a quem a desarrumação exasperava de modo peculiar, destruía violentamente aqueles aquários malditos, no meio de improperios adequados à situação. Mas logo o miúdo, engenhoso, inventava outros, com garrações velhos, água, óleo retirado à máquina de costura, um pedaço de barbante e fogo.

Havia também, é claro, os colecionadores de selos, de cápsulas de cerveja ou de gravuras de mulheres nuas. Talvez, portanto, a estimação de Júlia pelas flores não fosse uma coisa tão insensata assim...

O marido ainda se lembrava, orgulhando-se inexplicavelmente de ter sido tão canalha, de que, quando a conhecera e descobrira a sua preferência pelas rosas, a tinha surpreendido, um dia qualquer, oferecendo-lhe um ramo cuidadosamente revestido em celofane e com uma dedicatória de cujo texto já não se recordava, o que, finalmente, abriera uma brecha no casulo que ela tecera inconscientemente no colégio, do qual tinha saído há três meses.

Quando Júlia o conhecera, o marido tinha-lhe causado, ao mesmo tempo, fascínio e pavor. A sua segurança e a sua linguagem directa, mas dita sempre de forma digna, embriagavam-na e, simultaneamente, assustavam-na. Queria decidir, irrevogavelmente, que ele era um libertino, mas à noite tinha sonhos monstruosos, nos quais acabava sempre por sucumbir sob uma serpente multicolor e com braços amorosos que se desdobravam até ao infinito.

No dia em que ele, sem motivo aparente, lhe ofereceu rosas, o ventre dela morreu e renasceu sete vezes, atingiu o cume das montanhas azuis, tocou o sol, embriagou-se de leite e mel até perder a consciência.

Depois de ter regado as flores, Domingas esperou que a patroa saísse do quarto para comentar, sem qualquer inflexão na voz:

— Não sei se elas se hão-de voltar a levantar... Talvez seja melhor comprar outras, na segunda feira...

Júlia não respondeu logo, mas decidiu que ela mesma, depois de terminada a lida da casa, iria dar um jeito nas flores.

— Não te preocupes! – disse em surdina para Domingas, mas na verdade era para ela própria que falava.

Deu de comer à miúda, que a avó, dali a pouco, iria buscá-la. Arrumou o quarto mecanicamente. Enquanto Domingas limpava o chão da casa de banho, pôs o almoço no fogo.

— Não te esqueças de lavar o quintal! – recomendou à empregada, antes de começar a limpar o pó da sala.

Oxalá o marido voltasse mais cedo. Apetecia-lhe ir ver um filme qualquer. Infelizmente, esquecera-se de avisá-lo. Podia tê-lo feito quando ele regressou para se despedir da filha, mas, com as pressas – ele entrara e saíra logo! –, não lhe tinha ocorrido. Aquelas idas ao Dondo, todos os sábados, já faziam parte da rotina do casamento deles. O marido ia sempre com um grupo de amigos, matabichavam e almoçavam lá, regressando normalmente ao princípio da noite. Uma vez, ela pedira para ir com eles, mas não achara graça nenhuma, pois eles passavam todo o tempo ébrios. Sorriu, quando se perguntou como lhe tinha sido possível adaptar-se ao feitio do marido, e voltou a desejar mentalmente que ele regressasse um pouco mais cedo, para irem ao cinema.

Sem o notar, enrugou gravemente a testa, quando o problema das rosas lhe veio de novo à mente. Continuava a não entender como é que, sem mais nem menos, elas tinham murchado. E ainda por cima aquelas flores, que tanto trabalho lhe tinham dado! Quando acabasse de limpar a sala, teria de ir até ao jardim...

De repente, descobriu que estava febril. A temperatura subira meteoricamente. Foi para o quarto, deitou-se, sem se despir nem tirar as chinelas, por cima da colcha, e começou a chorar baixinho, com um temor crescente de adivinhar por que o fazia.

Domingas ofereceu-se para chamar um médico, mas ela proibiu-a, no meio de terríveis convulsões.

Quando os amigos do marido chegaram e disseram que ele tinha morrido num acidente à entrada de Catete, Júlia já o sabia.

REFERÊNCIAS

MELO, J. E de repente as flores murcharam. In: **Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1999. p. 33-36.